



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS - IFAL
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**KELLY JANE DA SILVA TCHAM
MARIA CÉLIA DE OLIVEIRA MARTILIANO**

**CONTO ETIOLÓGICO: UM GÊNERO DISTINTO QUE ESTIMULA A
IMAGINAÇÃO, A LEITURA E ESCRITA**

**MACEIÓ – AL
2019**

KELLY JANE DA SILVA TCHAM
MARIA CÉLIA DE OLIVEIRA MARTILIANO

**CONTO ETIOLÓGICO: UM GÊNERO DISTINTO QUE ESTIMULA A
IMAGINAÇÃO, A LEITURA E ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Alagoas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/Literatura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Regina Maria de Oliveira Brasileiro

MACEIÓ – AL
2019



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

T249c

Tcham, Kelly Jane da Silva.

Conto etiológico: um gênero distinto que estimula a imaginação, a leitura e escrita. / Kelly Jane da Silva Tcham, Maria Célia de Oliveira Martiliano. – 2019.

55 f. : il.

1 CD-ROM: il. ; (1 arquivo : 1.315 kilobytes).

Orientação: Prof.^a Dr.^a Regina Maria de Oliveira Brasileiro.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Literatura) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, Maceió, 2019.

Mariana Duarte de Assunção
Bibliotecária
CRB-4/1673

KELLY JANE DA SILVA TCHAM
MARIA CÉLIA DE OLIVEIRA MARTILIANO

**CONTO ETIOLÓGICO: UM GÊNERO DISTINTO QUE ESTIMULA A
IMAGINAÇÃO, A LEITURA E ESCRITA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, foi apresentado no Instituto Federal de Alagoas como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/Literatura.

Maceió / AL, 06 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Regina Maria de Oliveira Brasileiro

Profª. Drª. Regina Maria de Oliveira Brasileiro
Orientadora – Instituto Federal de Alagoas

Elisabete Duarte de Oliveira

Profª. Drª. Elisabete Duarte de Oliveira
Examinadora – Instituto Federal de Alagoas

Christiane Batinga Agra

Profª. Ma. Christiane Batinga Agra
Examinadora – Instituto Federal de Alagoas

DEDICATÓRIA

Aos nossos pais que dedicaram parte de suas vidas para que nós chegássemos até aqui. Aos nossos familiares pelo apoio e por estarem sempre ao nosso lado nos incentivando a crescer cada vez mais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me acompanhado nessa trajetória, sendo Ele o responsável por toda força que tive para a conclusão dessa etapa tão gratificante de minha vida.

A minha mãe Josefa Marli, minha filha Sophia Munira, meu irmão Kleber José, ao meu esposo Ismael Tcham que com muito carinho e sabedoria me apoiaram em todo o meu percurso na universidade.

A minha orientadora, professora Dr^a. Regina Brasileiro, pela sua paciência, por acreditar em nós e por ser esse exemplo de ser humano. Obrigada!

Aos amigos de curso, em especial ao Carlos Augusto mentor do projeto Senta que lá vem à história, no qual participei como voluntária, a minha parceira do TCC Célia Martiliano.

Ao grupo enxame, minha turma querida, por me fazer rir de todas as situações durante todos esses anos maravilhosos de nossa amizade. Vocês são muito queridos!

As professoras examinadoras, Elisabete Oliveira e Christiane Agra, pela leitura e disponibilidade de estar conosco neste momento.

As pessoas que se importaram comigo e me acolheram com palavras de conforto para seguir em frente.

A todos que de alguma maneira contribuíram para a minha formação acadêmica.

Deixo a todos o meu muito obrigada!

Kelly

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo agradeço a Deus por ser minha maior fonte de inspiração e força. Por ter me concebido a vida, e com ela a saúde e sabedoria necessária para superar todas as dificuldades e obstáculos durante toda essa longa jornada.

A minha mãe Cícera de Oliveira Martiliano (*In Memoriam*), por sempre ter me ensinado com amor os valores que trago comigo em todos os momentos. Saudades eternas!

Ao meu pai Valdemar Napoleão Martiliano, meu herói (depois de Jesus, claro). Seu amor e dedicação me faz sentir mais completa, mais inteira. Obrigada, pai. Te amo!

A Rita, minha mãe na fé. Minha referência de amor a Deus. Obrigada por sempre acreditar em mim, por ser fonte de incentivo nessa caminhada.

Aos meus familiares e amigos, por estarem presentes nos melhores e piores momentos da minha vida. Vocês são preciosos para mim.

A nossa orientadora e professora Dra. Regina Brasileiro, que com sua simpatia, paciência e sabedoria soube nos conduzir até aqui. Sua ajuda e dedicação foi de grande valia. Muito obrigada!

As professoras examinadoras, Elisabete Oliveira e Christiane Agra, por participar deste momento conosco.

A minha parceira do TCC, Kelly Tcham, pela cumplicidade.

A minha turma de curso (enxame), pelos momentos inesquecíveis. Obrigada por fazerem parte da minha história.

A todos que de alguma forma fizeram parte deste meu percurso eu agradeço com todo meu coração.

Célia

“Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-história já havia os monstros apocalípticos?”

Clarice Lispector

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso surge a partir das atividades desenvolvidas no projeto de extensão “Senta que lá vem a história”, fomentado pelo Instituto Federal de Alagoas, tendo como proposta o incentivo à leitura entendida como basilar para o processo de formação da criança leitora e como um excelente aparato didático de inserção à literatura, uma vez que o mesmo foi percebido como capaz de mostrar o universo literário de modo prazeroso. Este trabalho tem como objetivo analisar a importância do conto etiológico no processo de incentivo a leitura e a produção textual para as crianças de seis a doze anos. Metodologicamente, optamos pelo estudo de caso, que consiste em analisar o tema, identificando os fatores que contribuem para a aprendizagem das crianças do projeto. Buscamos analisar, à luz dos estudos do texto literário, a importância do conto etiológico no incentivo à leitura e produção textual das crianças integrantes do projeto por meio do gênero conto. Para tanto, valemo-nos das reflexões de autores que tratam da importância da leitura literária por meio do gênero em questão, a saber: Antunes (2010), Cascudo (2014), Góes (2005), Marcuschi (2002), entre outros. Na conclusão do estudo, observou-se o quanto o uso conto etiológico pode ser eficaz para auxiliar as crianças a despertar o interesse e o prazer pela leitura e o estímulo à produção textual.

Palavras-chave: Leitura. Imaginação. Produção. Textual. Conto. Literatura.

ABSTRACT

The present research focus on the activities developed in the University extension project “Senta que lá vem a história”, from the Federal Institute of Alagoas, constitutes as an incentive to the reading, seen as basic for child's training process and as an excellent educational device for literature integration, because it has been noted as capable of showing a pleasant literary universe. The present study is aimed at analysing the significance of etiological story in the process to promote reading and textual production for children aged between six to twelve years old. The case study methodological approach was chosen which involves examining the theme, identifying the factors that contribute to the learning process of children in the project. We seek, in the light of the literary text studies, to analyze the importance of etiological story on encouraging reading and textual production, through the story genre, for children which are member of the project. For this purpose we choose to utilizing the reflections of authors that deals with the importance of literary reading by means of tales genre, namely: Antunes (2010), Cascudo (2014), Góes (2005), Marcushi (2002), among others. On completion of the study it was observed how much the use of etiological story can be effective in order to support children to raise interest and pleasure for reading and also stimulate textual production.

Keywords: Reading. Imagination. Production. Textual. Story. Literary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CONTO ETIOLÓGICO: UM GÊNERO FUNCIONAL NO PROCESSO E ENSINO E APRENDIZAGEM	17
1.1 O CONTO POPULAR	20
1.2 ALGUNS TIPOS DE CONTO POPULAR	22
1.3 PROCESSO DE FORMAÇÃO LEITORA	25
2. EXPERIÊNCIAS INTERATIVAS E PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM COM AS CRIANÇAS NO BAIRRO DA CHÃ DA JAQUEIRA	29
2.1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM AS CRIANÇAS INTEGRANTES DO PROJETO	31
2.2 A EXPERIÊNCIA DA PRODUÇÃO DOS CONTOS ETIOLÓGICOS COM AS CRIANÇAS	37
2.3 INCENTIVO À LEITURA POR MEIO DA SOCIALIZAÇÃO DOS CONTOS	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como o objetivo principal analisar a contribuição dos contos etiológicos no processo de aprendizagem das crianças de seis a doze anos de idade.

Os contos etiológicos são histórias populares que explicam a origem de algo de maneira fantasiosa. Este gênero nasce da tradição oral, portanto, trata de uma narrativa antiga que enfatiza a busca dos seres humanos por respostas para as indagações e os acontecimentos que os cercam. Tais histórias se caracterizam pelo discurso simples, desse modo, seus personagens são, geralmente, compostos por animais que habitam o imaginário infantil, portanto, exerce papel de fundamental importância na imaginação e criatividade das crianças.

Assim, a proposta desta investigação finca na possibilidade de conhecer outras experiências práticas de ensino e aprendizagem bem como compartilhar experiências vivenciadas na execução do Projeto de Incentivo à Leitura, intitulado *Senta que lá vem a história*, desenvolvido no âmbito do projeto de extensão, sob a coordenação da professora Dr^a Regina Brasileiro com a colaboração dos seguintes bolsistas de extensão: Carlos Augusto, autor do projeto, Maria Célia, bolsista, Kelly Jane, voluntária.

Importa sublinhar que, o tema deste trabalho de conclusão de curso surge no contexto da realização das atividades do projeto supracitado, decorrente do estímulo ou da vontade pedagógica de contar histórias da tradição oral para as crianças do projeto, mais precisamente as histórias do cotidiano ou daquelas que expressam parte da realidade social e cultural das crianças

Durante as pesquisas sobre a tradição oral, encontramos diversos contos cada um com suas peculiaridades, como: Contos de Encantamento, Contos de Exemplo, Contos de Animais, Contos Cômicos (facécias), Contos Religiosos, Contos Etiológicos, Demônio Logrado, Contos de Adivinhação, Natureza Denunciante, Contos Acumulativos e Ciclo da Morte (CASCUDO, 2014). De modo, mediante a diversidade de gêneros literários existentes manifestou-se a necessidade de trabalhar contos etiológicos, considerando-o como mais oportuno uma vez que as crianças estão numa fase de questionamento, querendo saber a origem das coisas que as rodeiam. Em *Literatura oral no Brasil*, Cascudo explica que:

A expressão conto etiológico é técnica entre os folcloristas; quer dizer que o conto foi sugerido e inventado para explicar e dar a razão de ser de um aspecto, propriedade, caráter de qualquer ente natural. Assim há contos para explicar o pescoço longo da girafa, o porquê da cauda dos macacos, etc.(CASCUDO, 2014, p. 13).

Na mesma direção, a grande parte da literatura especializada entende a etiologia como um ramo de estudo destinado a pesquisar a origem e a causa de um determinado fenômeno. Assim, a etiologia está presente em diversas ciências, como a biologia, antropologia, sociologia, entre outras áreas. Porém, enquanto técnica, este método de estudo é bastante comum na medicina, no intuito de analisar as prováveis causas dos diversos tipos de doenças. Quando são descobertos o causador de uma doença específica, estes são chamados de “agentes etiológicos”, justamente por serem os organismos responsáveis pelo desenvolvimento de determinada patologia.

Em outras áreas do conhecimento, a etiologia é utilizada para explicar o surgimento de algo, seja um costume, uma tradição ou um ritual específico. A antropologia, por exemplo, se ocupa em traçar uma cronologia sobre como se iniciaram alguns dos costumes típicos de algumas sociedades contemporâneas ou já extintas. Essas teorias são chamadas de “mitos etiológicos”, que consistem nas histórias populares que narram como algo teria surgido (MALINOWSKI, 1984).

Dessa forma as crianças podem encontrar respostas para seus questionamentos, e fazerem novas descobertas de mundo; sendo assim, serão capazes de dialogar sobre acontecimentos históricos e sociais. Sabemos que, a prática de contar histórias é tão antiga quanto à história da própria humanidade. Os contos, as lendas, os mitos, abrangem as diversas formas dessa prática milenar fundamental para a continuidade das tradições populares. Em *Ensinando a gostar de ler*, Villardi acrescenta que;

A contação de histórias é uma das iniciativas sociais mais antigas de que se tem notícia. Essa remonta o período do surgimento do próprio homem há milhões de anos. Assim, contar histórias constituem práticas da cultura humana que antecedem o desenvolvimento da escrita. Na cultura arcaica, saber ler, escrever e interpretar gravuras ou sinais da natureza era de grande relevância -, sendo

mais tarde viriam se tornar marcas pictográficas, através dos quais relatavam coisas do cotidiano que poderia ser lido e compreendido pelos membros do grupo (VILLARDI, 1997).

Não obstante, mesmo com a ascensão das novas tecnologias, os contos tradicionais podem possibilitar uma excelente inserção à literatura, pois, são textos curtos que trazem à criança em formação, de modo acessível, imagens, enredos, temas das narrativas literárias. Através da leitura dos contos populares o leitor tem oportunidade de entrar em contato com temas relacionados à condição humana, suas buscas, indagações, contradições, sobretudo aqueles que estão em processo de desenvolvimento pessoal, pois em breve este indivíduo será compelido a exercer suas obrigações como cidadão no meio social e suas ações serão refletidas de acordo com a leitura de mundo que ele faz, pois, o ato de contar histórias é um dos modos mais expressivos que o ser humano encontrou para propagar conhecimentos.

Devido a esses motivos, entendemos que é fundamental despertar desde cedo na criança o gosto pela leitura, levando-a a descobrir novos horizontes sociocultural através do ato de ler, ajudando-a ser crítica e reflexiva quanto ao mundo que a cerca. Assim, com intuito de cooperar no incentivo a leitura e produção textual das crianças que participam do projeto, resolvemos abordar essa temática para compartilhar essa experiência a qual poderá possibilitar a outros (as) educadores (as) incorporarem nos seus planos de ensino as técnicas etiológicas, na perspectiva de estimular as crianças a serem agentes questionadores do mundo a sua volta. Portanto, esse tipo de conto desperta a imaginação, induz a criança a compor seus próprios contos/textos de forma criativa e reflexiva.

Dessa maneira, este trabalho parte da seguinte indagação: de que forma o conto etiológico pode contribuir para o incentivo ao gosto pela leitura e produção de texto nas crianças? Assim sendo, este estudo pretende tão somente contribuir de forma ativa no desenvolvimento do gosto pela leitura e produção textual das crianças, tomando-a como atividade didática do incentivo à imaginação e aprendizagem capaz de habilitar a criança fazer a transição de ficção para o real. Desse modo, estes serão os princípios que orientam a construção desta monografia, buscando discorrer sobre o conto etiológico e sua importância no incentivo à leitura e produção de texto.

Por conseguinte, o presente trabalho contém uma estrutura composta de dois capítulos subsequentes articulados entre si e uma síntese conclusiva. No capítulo I, abordaremos de maneira sintetizada o histórico percurso do Conto Etiológico enquanto Gênero textual com ênfase em noção do conto tradicional na perspectiva da formação leitora. Já o segundo capítulo é dividido em tópicos conceituais sobre o conto etiológico, onde serão apresentados ao leitor diferentes textos que orientaram as atividades do projeto articulados com o debate teórico que foi tecido por vários especialistas, como também, expor a nossa experiência no uso pedagógico do conto etiológico com as crianças no âmbito do projeto de extensão “*Senta que lá vem a história*”.

Metodologicamente, optamos pelo estudo de caso, que consiste em analisar o tema, identificando os fatores que contribuem para a aprendizagem das crianças do projeto. A escolha desse procedimento surge no sentido de oferecer possibilidade, de reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre o conto etiológico, uma vez que este tipo de estudo, “consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.54).

Figueredo (2008), afirma que o estudo de caso tem como objetivo aprofundar a descrição de determinada realidade, o que possibilita que os objetivos atingidos permitam a formulação de hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas. O presente trabalho tem caráter qualitativo, uma vez que centra na análise bibliográfica como forma que encontramos para discorrer sobre esse problema na sua perspectiva teórica, assim, esse trabalho se sustenta na diversidade do campo teórico e metodológico das ciências humanas com ênfase na literatura, centrou-se na análise das mais diversas fontes disponíveis: livros, artigos, dissertações, revistas e outras fontes que abordam a temática do conto etiológico no processo do ensino e aprendizagem.

A abrangência ou a diversidade das fontes pesquisadas deve-se pela necessidade de aprofundar o nosso conhecimento sobre a temática – por isso optamos em revisitar os debates sobre categorias como: tradição, conto, contação de história, entre outras, abarcando outras abordagens teóricas como comunidade. Ainda sobre pesquisa bibliográfica.

Pode ser realizada com diferentes fins: para ampliar o grau de conhecimentos em uma determinada área, capacitando o investigador a compreender ou delimitar melhor um problema de pesquisa; para dominar o conhecimento disponível e utilizá-lo como base ou fundamentação na construção de um modelo teórico explicativo de um problema, isto é, como instrumento auxiliar para a construção e fundamentação de hipóteses; para descrever ou sistematizar o estado da arte, daquele momento, pertinente a um determinado tema ou problema. (KOCHE, 1997, P. 122).

Desse modo, Koche (1997) sustenta que, a pesquisa bibliográfica é fundamental para obter maiores conhecimentos. Consideramos a pesquisa bibliográfica como um passo preliminar essencial na construção do trabalho acadêmico. A relevância da análise bibliográfica também é ressaltada por Becker (1993, p. 17) quando afirma que “a revisão da literatura antes da recolha de dados ou da exposição da experiência pessoal ou coletiva”, ele procura explicar um problema a partir das referências teóricas publicadas, resultando como base importante do trabalho para complementar uma experiência empírica. Dessa forma, a essência metodológica deste trabalho foi de fazer articulação entre a análise bibliográfica com nossa experiência enquanto bolsistas de extensão – condição que nos colocou diante das crianças durante um extenso período do tempo permitindo conhecer o contexto.

Portanto, esse trabalho se fundamenta com as bibliografias lidas, nas experiências pessoais com as crianças, assim como, análise dos contos tradicionais que parecem ser ainda poderosos instrumentos na estimulação à leitura. Com o apoio dos contos, as crianças passam a se interessar pelo fazer literário e exercitam sua imaginação para recontar tais histórias seja de forma oral ou escrita.

Inicialmente fizemos um levantamento de contos publicados na *internet* e nos livros. Depois, selecionamos quatro contos a serem lidos para as crianças, proporcionando o contato das mesmas com o gênero por meio das leituras e das atividades propostas. Escolhemos os contos: Como surgiu a chuva? Por que o avestruz macho choca os ovos? A goela e o rabo da baleia e A festa no céu, por tratarem de temáticas que aguçam o imaginário infantil.

Logo após, começamos a pensar nas propostas de leitura, interpretação e produção textual. Essa estratégia ajudou a conhecer e entender como os contos etiológicos podem contribuir para o incentivo ao gosto pela leitura e produção de texto.

Dessa maneira, a pesquisa que consolida como trabalho de conclusão de curso permitiu aprofundar a investigação sobre a realidade de como o projeto de incentivo à leitura é eficaz quando se trabalha o conto popular etiológico, que foram oportunizados às crianças integrantes do projeto da comunidade Alto da Boa Vista, localizada em um bairro da periferia da nossa cidade.

Acreditamos que serão necessárias outras pesquisas para compreender a verdadeira dimensão pedagógica dos contos para as crianças, por agora a nossa finalidade ficou restrita em buscar em torno da temática do conto etiológico evidências que comprovem o desenvolvimento da leitura e escrita, e a contribuição do conto no processo de aprendizagem das crianças, de modo que, a finalidade deste trabalho é abordar a ação do conto etiológico no incentivo para o ato da leitura e escrita.

1. CONTO ETIOLÓGICO: UM GÊNERO FUNCIONAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O conceito do gênero textual aqui abordado parte da concepção de alguns autores cujos trabalhos ganharam a notoriedade nessas discussões, a exemplo de Bakhtin (2003), Antunes (2003), e Marcuschi (2002). Esses estudiosos reforçam em parte as teorias dos gêneros, segundo a qual a linguagem é compreendida como uma forma de estabelecer e manter interação entre pessoas e grupos sociais, onde os gêneros assumem a função de organizar essas relações sociais interativamente seletivas.

No contexto da diversidade discursiva, situamos nosso trabalho no campo de estudo do conto etiológico, dando ênfase às reflexões e debates com foco analítico de sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Encaramos o conto etiológico como uma forma de linguagem ou uma forma de interação com as crianças do projeto com o propósito pedagógico de dialogar, mediar à realização das atividades apresentadas a partir da contação de histórias curtas, socialmente posicionadas em contextos ou situações mais ou menos familiares às crianças. Concordamos com Marcuschi (2002, p.22) quando afirma que, “os gêneros como os textos materializados que fazem parte da nossa vida diária e que apresentam especificidades sociais e comunicativas definidas por conteúdos que carregam as propriedades funcionais que o distingue, estilo e composição característica em que expressa à realidade”.

Conforme Bakhtin, a comunicação, falada ou escrita, é realizada através de gêneros do discurso. O sujeito tem um imenso repertório de gêneros, que na maioria das vezes passam despercebidos. Inclusive na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso. Assim, de acordo com Bakhtin, tais gêneros nos são dados, conforme “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática” (2003, p.282).

Desse modo, pode-se afirmar que, o texto apresenta-se como uma entidade concreta realizada materialmente em algum gênero textual. Para Antunes (2010), o texto não pode limitar-se a um conjunto de palavras ou frases. Este é e apresenta-se como uma expressão de algum propósito comunicativo em que caracteriza-se como uma

atividade eminentemente funcional, no sentido de que a ele recorreremos com uma finalidade com objetivo específico.

Quanto aos Gêneros Textuais segundo Bakhtin (*apud* Koche, 2010), apresentam-se como gêneros do discurso e são tipos relativamente estáveis de enunciados produzidos pelas mais diversas esferas da atividade humana. Os gêneros textuais apresentam ainda natureza variada, ou seja, são de vários tipos, por exemplo: a bula de remédio, o e-mail, a carta, a música, poesia, o conto, o romance, notícia, entre inúmeros tipos que são escolhidos a depender da intenção do sujeito e da situação sociocomunicativa em que está inserido.

Para Marcuschi, os gêneros surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais e na relação com as inovações tecnológicas. “É impossível se comunicar verbalmente a não ser por um gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por um texto.” (2002 p.2).

Assim, tendo em vista todos esses conceitos até aqui explanados, bem como a importância desse referencial teórico, procuraremos fazer algumas reflexões acerca do conto etiológico com o incentivo à sua produção textual.

Atualmente, no cenário escolar, percebe-se uma preocupação de formar alunos capazes de escrever bons textos. Para tal, faz-se necessário que estes alunos saibam analisar criticamente o contexto sociocultural no qual estão inseridos, pois o texto é um processo social de comunicação, ou seja, é o lugar de interação entre os sujeitos, por meio do texto há troca de conhecimento, informação e toda forma de opinião. O texto resulta de uma intenção comunicativa, segundo Antunes (2010, p.30), “recorremos a um texto quando temos alguma pretensão comunicativa e a queremos expressar”. Brandão e Micheletti (2011) afirmam que, um escritor real é aquele capaz de produzir textos coesos, coerentes e informativos, levando, sobretudo, em consideração o interesse do leitor. Isso implica dizer que para a escrita se tornar completa faz necessário à interação autor-texto-leitor, uma vez que o texto não pode ser compreendido como um ato passivo, pois exige um leitor ativo, assim, quem escreve o faz pressupondo o outro, o leitor.

Para Antunes (2010) a concepção de texto tem sido ampliada ao longo do tempo, atualmente o conceito de texto é compreendido como atividade produtiva de textos orais e escritos, assim, o que falamos ou escrevemos em situação de comunicação são sempre

textos. O texto é um ato comunicativo no qual o autor e o leitor participam, é o texto uma espécie de ponte onde se encontram essas duas identidades que dialogam; o texto também é compreendido como:

O lugar onde o encontro se dá. Sua materialidade se constrói nos encontros concretos de cada leitura e estas, por seu turno, são materialmente marcadas pela concretude de um produto com “espaços em branco” que se expõe como acabado, produzido, já que resultado do trabalho do autor escolhendo estratégias que se imprimem no dito. O leitor trabalha para reconstruir este dito baseado também no que se disse e em suas próprias contrapalavras (GERALDI, 2013, p.166).

Portanto, escrever um texto é sempre atribuir significações, o que pressupõe uma autonomia do leitor na recriação do texto apresentado, uma vez que lendo um texto o leitor descobre novas possibilidades de formar seus próprios argumentos, conquanto o texto somente se caracteriza como completo no ato de sua leitura. Desse modo tende-se a aperfeiçoar o conhecimento a fim de haver um aprendizado contínuo e o aperfeiçoamento do aluno como pessoa humana, objetivando a sua formação ética, o desenvolvimento autônomo intelectual e o pensamento crítico, no qual a produção textual tenha um cunho interativo.

Em *A teoria da ação comunicativa*, Habermas (1988) acredita que, na estrutura da linguagem cotidiana, está embutida uma exigência de racionalidade, pois, com a primeira frase proferida, o homem já manifestava uma pretensão de ser compreendido, uma busca de entendimento. Com base em Habermas, acreditamos que a interação e simplicidade em forma do anunciado é o que faz com que a linguagem de um conto etiológico seja comunicativa. Esse princípio anula qualquer pressuposto que abona o estudo de uma língua isolada do ato interlocutivo. Por conseguinte, desenvolver a capacidade da escrita no aluno (a) é fundamental, pois ela o prepara para um mundo exigente, que necessita de indivíduos capazes e qualificados.

O gênero textual conto etiológico pondera a individualidade de cada aluno com sua característica particular, levando em consideração seus conhecimentos de mundo, sua personalidade e seu contexto sociocultural, elementos necessários para a formação do escritor. No decorrer de sua vida o escritor vai incorporando muitas leituras, vários

conhecimentos e dessa maneira construindo seus saberes, assim sendo, vai se deparando com novos textos e sua base de formação vai se iniciando.

1.1 O CONTO POPULAR

Na sua configuração contemporânea, a escola tornou-se um espaço privilegiado para o estudo da diversidade de gêneros que permeiam as dinâmicas interativas. Os gêneros textuais devem ser usados como instrumentos de ensino nas atividades de leitura, eles estimulam a produção de textos como forma de ampliar o universo discursivo dos alunos (as) tanto no plano da oralidade quanto no exercício do letramento. Apesar da pluralidade que caracteriza os alunos (as) ainda nota-se uma excessiva valorização das atividades com a escrita, entende-se como resultado do nosso processo civilizatório ancorado no Ocidente, que continua a priorizar os instrumentos de avaliação social com base no registro escrito como sinônimo de boa educação, garantia de uma ascensão social ou cultural e poder econômico.

O conto caracteriza por ser um relato pouco extenso e tem, por isso, um número de personagens igualmente restrito, se tivermos por comparação o romance. Estas características fazem do conto um gênero narrativo específico. Em particular o conto na sua faceta literária tradicional de transmissão e expressão oral, centra-se em situações narrativas simples, enraizadas em tradições culturais, que fazem do relato um fator de fascínio e fusão comunitária. Os atos narrados, cujo encanto é provocado por fórmulas como: “Há muito atrás”, “Era uma vez”, “Certo dia”, etc. despertam o interesse pelas situações narradas que são revestidas de uma função lúdica e, por vezes, também moralizante, entre outras funções possíveis.

Importa ressaltar que, o ato de contar história se faz presente desde os tempos mais remotos. O homem sempre teve necessidade de contar acerca de suas experiências, sendo elas imaginárias ou verídicas. A partir desta realidade que, os contos passam a fazer parte da história de um povo e trazem registros de sua cultura, crenças e de sua própria identidade. Em tempos mais remotos, a oralidade era o único veículo capaz de transmitir valores nas sociedades ditas primitivas. Nessas sociedades, Segundo Cascudo (2012, p.7), “todos sabiam contar estórias. Contavam à noite, devagar, com gestos de

evocação e lindos desenhos mímicos com as mãos. Com as mãos amarradas não há criatura vivente para contar uma estória”. Desse modo, parece que, o ato da contação oral é essencial para subsistência cultural das sociedades humanas; uma vez que é no conto popular que encontramos traços identitários tradicionais, de uma determinada comunidade local.

Etimologicamente, conto vem do latim *computare* que significa “contar”, “manter/guardar uma lista”. A princípio, é uma narrativa que é transmitida através da oralidade ao longo do tempo. A narração é contada para explicar acontecimentos, transmitir uma lição de vida ou moral. Gênero narrativo, geralmente em prosa, é uma ficção que relata fatos imaginários, sucedidos dentro de um tempo remoto.

O conto é um gênero narrativo, ao contrário da charada, do provérbio ou da rima. Também é deliberadamente fictício, ao contrário da lenda que é, às vezes, verdadeira. A lenda é uma história em que as ações, lugares ou personagens relacionam-se com fatos históricos conhecidos, mas que foram distorcidos, amplificados, embelezados pela imaginação. Muitas vezes, é semelhante ao mito, pois tenta explicar um fenômeno natural. Mas, ao contrário do mito, a lenda não é baseada nas divindades (BALINGENE, 2016, p. 15).

O conto popular nasce aparentemente de mitos primitivos. Aqui, entendemos o mito, teoricamente, como as histórias sagradas que relatam episódios que ocorreram numa era precedente a nossa, de modo que explicam a gênese e a existência dos acontecimentos, tais como: como surgiu o mundo, os animais, os homens, os costumes, os fenômenos da natureza etc. Ou seja, é através de narrativas, que as culturas criam mitos com a finalidade de fazer a existência humana compreensível e interpretável. Na antropologia, por exemplo, a mitologia encontrada nas sociedades não Ocidentais foi encarada como a forma de situar o homem e explicar suas relações cosmogônicas, ou seja, de demarcar o seu lugar entre os demais seres da natureza e das próprias hierarquias constituídas. Era também um modo de estabelecer algumas verdades que não só explicassem parte dos fenômenos naturais ou culturais, mas que ainda dessem formas para a ação humana.

1.2 ALGUNS TIPOS DE CONTO POPULAR

A proposta deste intertítulo assenta-se na apresentação sucinta dos diversos tipos ou subtipos de contos como gênero literário com o propósito de destacar a gênese e características da representação do conto etiológico, assim como identificar e descrever seus aspectos distintivos do ponto de vista do discurso. Cascudo (2014 p.14) acentua que “os contos variam infinitamente, mas os fios são os mesmos. A ciência popular vai dispendo-os diferentemente. E são incontáveis e com a ilusão da originalidade.” De maneira geral, entendemos por conto popular, no âmbito dos estudos literários, aquele vinculado a tradição oral, sendo reconhecido literariamente como gênero narrativo, ficcional, relato em prosa e com a função social de divertimento. Cascudo (2014) em *Contos Tradicionais Brasileiro* classifica-os como:

Contos de Encantamento, que corresponde ao conto de fadas, o mais típico dos contos populares. É o conto ambientado no maravilhoso mundo encantado de seres dotados de poderes sobrenaturais que auxiliam princesas e príncipes a enfrentarem bruxas e monstros e vence-los graças à intervenção de ajuda mágica, geralmente, sempre tem um final feliz. Há muitos desses contos espalhados pelo Brasil, que de alguma forma receberam de cada região um matiz especial, como por exemplo, Bicho de Palha que é uma versão do conto A Gata Borracheira.

O *Conto de Exemplo* é outro variável que se inscreve entre várias espécies narrativas deste gênero, são contos com base no confronto bem versus mal, no qual um delito contra uma norma de caráter social conduz o desfecho da intriga para uma lição de moral. Recorrendo à sagacidade para inverter a situação de desvantagem, o réu, transforma-se em herói. São exemplos: O Vaqueiro que não Mentia, O Compadre Rico e o Pobre, Os Dois Corcundas, A Menina dos Brincos de Ouro, entre outros.

O *Conto de Animais* é outro que se destaca, trata-se de contos em que os animais são possuídos de sentimentos humanos. A perspicácia é a arma de que o animal utiliza para enfrentar seu inimigo. Na sua composição assimilam-se à fábula, por haver na história um intuito moralizante, como, por exemplo: A raposa e as uvas, os ciclos do macaco e a onça, do coelho e o sapo ou o cágado, da raposa e a onça, etc.

Há também os *Contos Facécias*, que são conhecidos como contos cômicos, são enredos curtos de teor leve e engraçado, de modo geral, em caráter de chacota. A narrativa é conduzida sob o cerne de um herói malandro que caçoa dos ricos e poderosos. Dentre estes contos facciosos estão os de Pedro Malasartes, O Homem Que Pôs Um Ovo, A Mulher do Piolho e A Sopa de Pedra.

Os *Contos Religiosos* se distinguem pela influência divina. Manifestam a fé, e o misticismo do nosso povo, como podemos observar em A Moça e a Vela, Como a Aranha Salvou o Menino Jesus e A Mãe de São Pedro.

No outro extremo encontramos o conto designado de *Demônio Logrado*. Consiste na disputa em versos no qual o Demônio interfere perde uma aposta e é derrotado. São exemplos: O Afilhado do Diabo, Audiência do Capeta e As Perguntas de Dom Lobo.

Por fim, os Contos Etiológicos, conforme citamos anteriormente, diz respeito ao conto que foi sugerido e inventado para explicar um aspecto ou caráter de ser. Eis alguns exemplos: A festa no céu, a Causa da Seca no Ceará, A Maçarapeba ficou com a boca torta por ter zombado de Nossa Senhora. Estes são chamados de “contos porquês”. Eles contam o porquê das coisas e do mundo. Podem explicar a origem de um fato, como a dos fenômenos cósmicos. Os contos etiológicos nascem da tradição oral, também conhecido como conto do por que ou conto de origem, é uma narrativa antiga que põe em relevo a busca dos seres humanos por respostas para as questões e os fatos que os cercam, e se define como uma tentativa de explicação, por parte desses mesmos seres, para o mundo em que se inserem e para origem de tudo que o compõe. Para Cascudo, os contos etiológicos:

Surgem para explicar um aspecto, propriedade, característica de qualquer ente natural. Assim, há contos para explicar o pescoço longo da girafa, a inimizade entre o gato e o rato, a carapaça do jabuti. Na tentativa de explicar o natural, se revelam valores e preconceitos característicos de uma cultura (2006, p. 154).

Segundo Góes (2005, p.126), “rara é a espécie de qualquer reino que não tenha sua ‘story’ popular, contendo uma explicação lógica, imprevista ou curiosa, que satisfaz o espírito local”. Vale ressaltar que, o conto etológico não é exclusivo da literatura brasileira, nas nossas pesquisas encontramos contos de origem africana, indígena e

portuguesa. Este gênero pode ser identificado de acordo com algumas características e delimitações. Em *Fábula Brasileira ou Fábula Saborosa*, Góes apresenta uma síntese classificatória do conto etiológico:

Introdução: com marcação temporal, exemplos: no “princípio do mundo...” com localização: nas noites de trovoadas (tempo e ambiente na chuva). *Narrativa:* de natureza evocativa, registrando a provocação temática. Origem da estória longínqua. Intenção didática como orientação para noções úteis. Voz que conta. Desfecho concludente: “Por isso”. *Interpretação:* procura ensinar o “porquê”, a causa, a origem de algo. Narrador extratexto (Primordial) 3º pessoa onisciente. *Moralidade:* lição etiológica, conclusiva (em oração conclusiva) *Personagem:* Deus, homens, animais, seres inanimados. Personagens animais constituem ora dramatis personae ora narrationis personae. *Linguagem:* simbólica, explicativa, argumentativa, minudente, com variantes dialetais, cor, local. *Núcleo temático:* o narrador conclui com uma justificativa ou razão de ser; explicação material dos fatos (GÓES, 2005, p.127).

Portanto, o conto etiológico é identificado através de um formato específico, além do título muitas vezes apresentar à interrogativa "por que", como por exemplo, em dois dos quatro contos que selecionamos: “Por que o Avestruz macho choca os ovos?”. “Por que a girafa não tem voz?”. Essa interrogativa é uma característica bastante peculiar desse tipo de conto, porém não é uma regra, como podemos observar nos outros dois contos selecionados: “A goela e o rabo da baleia” e “A festa no céu”, que serão apresentados pormenorizadamente no próximo capítulo.

Em relação aos temas e personagens são os mais variados possíveis, a narrativa dos contos etiológicos se interessa por animais, mundo, natureza, homens, Deus, seres inanimados, entre outros. Outro aspecto dos contos etiológicos que importa salientar é a marcação temporal, a história geralmente inicia com demarcadores de tempo: “antigamente”, “houve um tempo”, “muito tempo atrás”, e para finalizar a narrativa, frequentemente, conclui com uma sentença que mostra a realidade atual com demarcadores do tipo: “por isso que hoje”, “é por isso” “então...”, etc.

Assim, o conto etiológico nos apresenta um cenário anterior, no qual é diferente do cenário atual para concluir a passagem da mudança que houve durante o curso narrativo até chegar a tal situação, verificável e real. Em vista disso, o conto de origem,

portanto, tem a função de explicar a situação de um acontecimento real: “Por que o sapo tem o couro cheio de remendos”? “Por que o avestruz macho choca os ovos”? “Por que a baleia nada devagar”? “Por que a girafa não tem voz”? As explicações sugeridas pelo conto concernem à imaginação, a fantasia e não ao campo científico. É sobre explicar o mundo de uma maneira fantasiosa, criativa e humorada.

Percebe-se que os contos e, os Contos Etiológicos em particular, desempenham uma função pedagógica, estimulando as reflexões das crianças por meio de narrativas que contemplam vários temas e dos mais variados personagens como os animais, incluindo os homens e as plantas. Também o conto, seja ele etiológico ou não, tem uma função moralizadora, embora moralizar não é uma das suas principais intencionalidades discursivas.

1.3 PROCESSO DE FORMAÇÃO LEITORA

Para se refletir acerca de práticas de leitura e de contação de histórias faz-se necessário pensar que tipo de contato as crianças têm com o livro, com histórias contadas e a relação dessas crianças com a língua escrita. Pensar, portanto, nessa língua escrita implica em analisar o processo de formação leitora da criança para que se dê a ela a chance não apenas de escutar as leituras, mas que também a prepare para decifrar o código e extrapolar os sentidos da leitura das histórias a partir do seu próprio olhar dentro do contexto que a circunda.

Essa perspectiva de formação leitora que tratamos acima dialoga com a discussão em torno do conceito de letramento. Schwartz (2001) explica que o conceito de alfabetização tem se modificado ao longo do tempo e, conseqüentemente, vem sendo avaliado e definido de vários modos. Em sentido estrito, alfabetizar significa “levar à aquisição do alfabeto”, o que deixa o termo reduzido a uma estratégia mecânica, articulada unicamente à habilidade de codificar e decodificar palavras (SCHWARTZ, 2001, p.55).

Neste sentido Soares (1999), afirma que:

Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada (SOARES, 1999, p. 24).

Na concepção de Freire (2002), o termo alfabetização está relacionado à leitura de mundo, uma vez que a expressão de linguagem, a língua e a realidade contextual estão ligadas entre si. Nesse sentido, a compreensão dos textos demanda a percepção das relações existentes entre o que está escrito e sua relação com o contexto. Dessa forma, é possível compreender porque apenas a habilidade de codificar e decodificar não são suficientes para atender a complexidade do conceito de alfabetizado. Para Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2011, p. 19, 20).

Acreditamos que, a compreensão de Freire sobre a alfabetização se complementa no emprego do termo letramento, tendo em vista que no cenário em que o projeto se apresenta interage com outros atores sociais os quais participam e interferem na educação dos sujeitos participantes do projeto. Para Kleiman (1995), letramento é o conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos tem como objeto de reflexão, de ensino, ou de aprendizagem os aspectos sociais da língua escrita. Nesse sentido, o projeto *Senta que lá vem à história* corrobora com o que defende Kleiman, pois, compreende uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem e pressupõe que as pessoas e os grupos sociais são heterogêneos e que as diversas atividades entre as pessoas acontecem de modos muito variados, a autora explica que:

A leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. Essa dimensão interacional, que para nós é a mais importante do ato de ler, é explicitada toda vez que a base textual sobre a qual o leitor se apoia precisa ser

elaborada, pois essa base textual é entendida como a materialização de significados e intenções de um dos interagentes à distância via texto escrito (KLEIMAN, 1997, p. 10).

De acordo com Oliveira e Zozzoli (2008), a formação da leitura e dos leitores repousa sobre aspectos que ultrapassam os culturais, como por exemplo, os de aspectos políticos, históricos e sociais. Estes especialistas acreditam que, tais fatores determinam o modo como a leitura é produzida e os modos de acesso a ela, que precisam ser melhor analisados e compreendidos, pois a leitura estabelece uma relação de sentido entre os enunciados existentes nos textos escritos. Já para Kleiman (1995), o processo de letramento é algo que segue uma sequência nos indivíduos, muito embora algumas pessoas apresentem um nível diferente de letramento, sobretudo pelas possibilidades e oportunidades de interação com o outro e por meio da busca do conhecimento através de esforço individual.

Pereira (2014) lembra que, a ideia de letramento tem, ultimamente, conquistado muita visibilidade, em razão das diversas possibilidades de aplicação prática no universo escolar, mas também de sua amplitude teórica. O que começou como uma teoria ainda incipiente, nos anos oitenta, agora tem cada vez mais importância. Apoiando-se nesses estudiosos buscamos obter, em torno da temática do conto etiológico evidências no próximo capítulo o desenvolvimento da leitura e escrita, e a contribuição do conto no processo de aprendizagem das crianças.

Esse projeto se entrelaça com elementos ligados a formação leitora em sua dimensão sociocultural porque traz aos membros da comunidade do Alto da Boa Vista consequências e transformações políticas, sociais, econômicas e linguísticas por preparar os sujeitos participantes do projeto para intervir na sociedade por meio de suas opiniões a partir das discussões provocadas no projeto de leitura. Sobre isto, Lopes afirma que:

A história conduz as crianças ao caminho das letras, e conseqüentemente, do letramento. A nossa história, enquanto homem, sempre foi ladeada pelo ato de contar histórias, pois ouvir histórias agrega, une, convoca as pessoas a partilhar momentos de ouvir e viver novos sonhos. E, em se tratando de escrita, a história

é sem dúvida o caminho mais suave e prazeroso para que as crianças adentrem no mundo da escrita e da leitura. (LOPES, 2008, p. 138).

A autora assegura que, as vivências e relações estabelecidas com os grupos sociais irão possibilitar as situações de letramento nas mais diferentes questões, bem como a permissão que estas passem a ter significado e características da oralidade letrada, quando houver a possibilidade de se articular essas características nas atividades do cotidiano. Pensando em articulações no mundo das letras, podemos mencionar um elo entre letramento e leitura. Desse modo, apoiando-se em Poersch e Amaral podemos definir a leitura como:

Um processo ativo de comunicação que leva o leitor a construir, intencionalmente, em sua própria mente, a partir da percepção de signos gráficos e da ajuda de dados não visuais, uma substância de conteúdo equivalente àquela que o autor quis expressar, através de uma mensagem verbal escrita (POERSCH; AMARAL, 1989, p. 78).

Ademais, trazendo a leitura para o social, Borba e Guaresi (2007), defende que ela se apresenta como uma interação verbal entre indivíduos socialmente determinados; enfatizam que a leitura é um ato vinculado às condições de comunicação, que, por sua vez, vinculam-se às estruturas sociais e culturais. Nessa relação interpessoal, Borba e Guaresi veem a linguagem como uma forma de ação, através da qual o homem interage socialmente, procurando influenciar o comportamento do outro. Assim, acreditamos que os contos, uma vez usados durante a ação de incentivo à leitura podem despertar o interesse dos alunos (as) pelo fazer literário e exercitar sua imaginação ou estimular sua reflexão seja para oralidade ou para escrita.

2. EXPERIÊNCIAS INTERATIVAS E PRÁTICAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM COM AS CRIANÇAS NO BAIRRO DA CHÃ DA JAQUEIRA

Este capítulo tem por finalidade a descrição das atividades pedagógicas desenvolvidas com as crianças no âmbito do projeto de extensão *Senta que lá vem a história*. Antes de seguirmos com a construção desse capítulo que integra a estrutura deste trabalho de conclusão de curso, julgamos pertinente apresentar o resumo alargado do projeto de extensão do qual estabeleceu bases seguras, permitindo a construção de uma plataforma de extensão acadêmica com a finalidade de multiplicar os conhecimentos adquiridos dentro da academia, socializando-os com a comunidade, por meio das práticas pedagógicas semanais cujos objetivos, metas e experiências estão a ser compartilhadas em forma de uma monografia. Assim, o projeto teve como objetivos promover o incentivo a leitura para as crianças e adolescentes da comunidade, proporcionando, através da leitura a oportunidade de alargar os horizontes pessoais e culturais, bem como atividades de interação com a sociedade, o qual possibilitou aos licenciandos do curso de Letras do IFAL – Campus Maceió o contato com a prática do ensino de leitura.

O projeto se consubstanciou em desenvolver o gosto pela leitura, possibilitando a vivência de emoções e o exercício da imaginação, permitindo que as crianças tenham a oportunidade de alargar os horizontes pessoais e culturais. O esperado é que através das leituras, formem-se leitores assíduos, competentes, autônomos, que sejam capazes de utilizar o senso crítico e ético/moral, para que consigam desenvolver por si mesmas habilidades linguísticas como: falar, escutar, ler e escrever, de forma que sejam capazes de construir suas identidades pessoais, como cidadãos que buscam um lugar junto à sociedade, e assim de alguma maneira possam então contribuir e cooperar para o aprendizado de si mesmas e do outro através da troca de experiências vivenciadas entre elas.

Para o desenvolvimento do projeto foram utilizados livros, músicas e jogos didáticos de forma que contribuíssem de maneira dinâmica com o trabalho desenvolvido. O projeto teve duração vinculada ao IFAL por oito meses, de abril a novembro de 2017. Tendo como carga horária 10h semanais. Atualmente, permanece ativo, mas de forma

desvinculada ao Campus. Os idealizadores e os voluntários se dispuseram em dar continuidade por perceberem o impacto e o interesse das crianças contempladas pelo projeto.

O projeto de leitura Senta que lá vem a história, tem como parceiro a Igreja de São José, que cede o espaço do centro comunitário e contribui na distribuição do lanche para as crianças. Esses momentos acontecem duas vezes ao mês.

O Projeto de extensão fica localizado no bairro da Chã da Jaqueira, na comunidade do Alto da Boa Vista, em Maceió-AL. Ele é voltado para as crianças de 06 a 12 anos de idade, as quais passam por riscos sociais. Devido a este motivo, e por não terem outra opção de lazer no bairro, o projeto foi visto como uma ferramenta de interação, aprendizado e diversão, dessa forma os membros da comunidade abraçaram e aceitaram o projeto por vê-lo como algo valioso para a formação das crianças no que se refere ao papel que elas devem exercer na sociedade como cidadãs.

A contação de história acontece a cada 15 dias (aos sábados), no horário das 15h até às 17h e 30min. A equipe do projeto chega ao local antes das crianças para preparar o lugar: colocar os tapetes no chão, montar o teatrinho, separar os livros (caso tenha para doar), preparar o lanche (que costuma ser fornecido pela administração da Paróquia), ensaia a dramatização que vai ser apresentada às crianças e discute os objetivos das histórias que serão contadas naquele dia.

O início das atividades na comunidade Alto da Boa Vista, se dá com a recepção das crianças pelos componentes do projeto de leitura. Elas são recebidas com músicas alegres, acompanhadas ao som do violão. As crianças, envolvidas pela ambientação do espaço, cantam e dançam. Por conta da frequência com que as crianças foram se envolvendo com as músicas, passamos a aplicar algumas dinâmicas para que elas pudessem utilizar o momento para se divertir e aprender. Durante a realização uma criança ou outra fica um pouco inibida no início, mas depois é envolvida pela atividade.

Com o término da música, alguém da equipe lê uma história e mostra as figuras que estão ilustradas no livro lido. Em seguida, proporcionamos momentos de descontração com algumas dinâmicas em grupo para que as crianças interajam em pé, sentadas, em círculos etc. No momento seguinte apresenta-se outra história contada em forma de teatrinho ou de dramatização. As histórias tem um caráter formativo, sempre

resgatam algum valor moral e/ou ético. Faz-se perguntas sobre a história para entendermos como as crianças pensam e agem ao interagirem umas com as outras. Ao longo dos meses percebemos uma progressão na desenvoltura da fala, da leitura, da comunicação e das habilidades de concentração das crianças que participam do projeto.

Após a realização das atividades, os integrantes responsáveis pela ação com as crianças fazem seus registros, análises e discutem sobre o trabalho desenvolvido no projeto de extensão. Eles refletem sobre o andamento e os resultados apresentados até aquele momento.

2.1. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS COM AS CRIANÇAS INTEGRANTES DO PROJETO

Durante o período das atividades foram trabalhados alguns gêneros textuais como: histórias em quadrinhos, contos de fadas, fábulas, lendas e dentre eles o conto etiológico, o qual foi compartilhado no sábado 09/06/2018. Nesse dia, como de costume, reunimos as crianças no salão e interagimos com elas, através de músicas, danças e dinâmicas. Depois deste momento de descontração oferecemos água e pedimos que fossem ao banheiro caso necessitassem para posteriormente iniciar nossa contação de história. Em seguida, solicitamos que elas se sentassem e perguntamos se elas conheciam os contos, algumas disseram que sim e citaram o conto de fadas, lembraram-se de alguns que outrora foram contados.

Então, explicamos que existem outros tipos e abordamos o conto etiológico, elucidando suas características e o que o diferencia dos outros contos. No momento seguinte fizemos a leitura de quatro contos etiológicos os quais iremos apresentar a seguir. Importa ressaltar que, os contos foram selecionados por critérios menos rígidos, adotando como princípio básico da escolha os contos que têm certos indicadores que estimulam a imaginação, a oralidade e sobretudo instiga o gosto pela leitura e o exercício da escrita.

A Festa no Céu¹

Entre todas as aves espalhou-se a notícia de uma festa no Céu. Todas as aves compareceriam e começaram a fazer inveja aos animais e a outros bichos da terra incapazes de voo.

Imaginem quem foi dizer que ia também à festa... O sapo! Logo ele, pesadão e nem sabendo dar uma carreira, seria capaz de aparecer naquelas alturas. Pois o sapo disse que tinha sido convidado e que ia sem dúvida nenhuma. Os bichos só faltaram morrer de rir. Os pássaros, então, nem se fala.

O sapo tinha seu plano. Na véspera, procurou o urubu e deu uma prosa boa, divertindo muito o dono da casa. Depois disse:

– Bem, camarada urubu, quem é coxo parte cedo e eu vou indo porque o caminho é comprido.

O urubu respondeu:

– Você vai mesmo?

– Se vou? Até lá, sem falta!

Em vez de sair, o sapo deu uma volta, entrou na camarinha do urubu e, vendo a viola em cima da cama, meteu-se dentro, encolhendo-se todo.

O urubu, mais tarde, pegou na viola, amarrou-a a tiracolo e bateu asas para o céu, rru-rru-rru...

Chegando ao céu o urubu arriou a viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo botou um olho de fora e vendo que estava sozinho, deu um pulo e ganhou a rua, todo satisfeito.

Nem queiram saber o espanto que as aves tiveram vendo o sapo pulando no céu! Perguntaram, perguntaram, mas o sapo só fazia conversa mole. A festa começou e o sapo tomou parte de grande. Pela madrugada, sabendo que só podia voltar do mesmo jeito da vinda, mestre sapo foi se esgueirando e correu para onde o urubu havia se hospedado. Procurou a viola e acomodou-se como da outra feita.

O sol saindo, acabou-se a festa e os convidados foram voando, cada um no seu destino. O urubu agarrou a viola e tocou-se para a terra, rru-rru-rru...

Ia pelo meio do caminho quando, numa curva, o sapo mexeu-se e o urubu

¹ Fonte: Contos Tradicionais do Brasil – Luís da Câmara Cascudo

espiando para dentro do instrumento viu o bicho lá no escuro, todo curvado, feito uma bola.

– Ah! camarada sapo! É assim que você vai à festa no Céu? Deixe de ser confiado...

E naquelas lonjuras emborcou a viola. O sapo despencou-se para baixo que vinha zunindo. E dizia, na queda:

*Béu-Béu!
Se eu desta escapar
Nunca mais bodas ao céu!...*

E, vendo as serras lá embaixo:

– Arreda pedras, senão eu te rebento!

Bateu em cima das pedras como um jenipapo, espapaçando-se todo. Ficou em pedaços. Nossa Senhora, com pena do sapo, juntou todos os pedaços e o sapo reviveceu de novo.

Por isso o sapo tem o couro todo cheio de remendos.

*Ana da Câmara Cascudo,
Natal, Rio G. do Norte.*

Nota – É uma das fábulas mais populares no Brasil. Nalgumas regiões o sapo é substituído pelo cágado. O barão de Santana Neri, *Folk-Lore Brésilien*, Paris, 1889, registrou as duas versões, ambas correntes, *Le Jaboty et l'Urubu e L'Urubu et le Crapaud*. João Ribeiro, *O Folk-Lore*, Rio de Janeiro, 1919, estudou longamente o motivo mostrando sua origem oriental e evolução. O conto figura em quase todas as coleções brasileiras e portuguesas, *Era Uma Vez*, de Viriato Corrêa e João do Rio, 7, Barbosa Rodrigues, *Poranduba Amazonense*, III-IV, Carmem Dolores, *Lendas Brasileiras*, 59, Adolfo Coelho, *Contos Populares Portugueses*, 15, *Contos da Carochinha*, 30, Silvio Romero, *Contos Populares do Brasil*, 154, Belo Horizonte, 1985. O motivo clássico é a tartaruga levada por duas grandes aves de um para outro lado. Vendo-a tão alta os aldeões se assombram e a tartaruga abre a boca para responder-lhes e despenca-se, espatifando-se. Assim são as fontes velhas, *Panchatantra*, ed. José Alemany Bolufer, 13, *Hitopadexa*, ed. Dalgado, 221, *Calila y Dimna*, 136, ed. Bolufer, onde a tartaruga Kambugriva ou Fulatpala é carregada por galápagos, gansos ou ânades, agarrada pela boca a um bastão. Divulgou-a Esopo e os Isopetes e fabulistas, Babrio,

A Goela e o Rabo da Baleia²

A Baleia era o bicho do mar mais veloz e mais comilão. Nadava mais do que todos os outros peixes e comia por peste. Nosso Senhor torceu o rabo da Baleia. Por isso ela nada mais devagar e é o único peixe que tem a barbatana do rabo virada para baixo, batendo água de baixo para cima, em vez de ser da direita para a esquerda como todos os viventes d'água.

Também a Baleia comia tudo. Uma feita um a moça devota de Santo Antonio ia rezando com uma imagem desse Santo, pedindo que o navio entrasse logo na barra, quando o Sant'Antonio escapuliu e *t'xim bum!* caiu no mar. A Baleia, vendo o clarear, veio em cima e, sem reconhecer, engoliu a imagem. Sant'Antonio, para castigar a gulodice, fez a Baleia ficar engasgada e tanto se engasgava mais a goela ia ficando estreita. Sant'Antonio desapareceu e a Baleia ficou, até hoje, só engolindo peixe pichitinho.

*A Baleia é peixe nobre,
Não come senão sardinha!
Abre a boca, pega miles,
Engole a mais miudinha!...*

*Francisco Ildelfonso (Chico Preto),
Areia Preta, Natal, Rio G. do Norte.*

Nota – “A expressão *conto etiológico* é técnica entre os folcloristas; quer dizer que o conto foi sugerido e inventado para explicar e dar a razão de ser de um aspecto, propriedade, caráter de qualquer ente natural. Assim há *contos* para explicar o *pescoço longo* da girafa, o porquê da cauda dos macacos, etc.” João Ribeiro, *O Folk-Lore*, p. 20, Rio de Janeiro, 1919. A história acima é um conto etiológico, em toda sua legitimidade.

² Fonte: Contos Tradicionais do Brasil – Luís da Câmara Cascudo

Por que o Avestruz Macho Choca os Ovos³

BAU DO PROFESSOR

Contos
Etiológicos

Contos etiológicos: são histórias que foram inventadas para explicar alguma situação, característica e personalidade de qualquer natureza.



POR QUE O AVESTRUZ MACHO CHOCA OS OVOS?

Tradição oral do Brasil

No tempo em que somente os bichos habitavam a terra, a mulher do avestruz estava chocando ovos. Quando chegou a hora, nasceram três avestruzinhos lindos. Dona Avestruz, porém, adoeceu. Seu marido foi à farmácia de Seu Cabrito comprar um remédio para a mulher que não podia sair de casa, pois estava muito fraca e ainda havia mais alguns ovos para chocar.

No caminho, passou pelo bar do Seu Macaco. Lá estava tendo uma festa daquelas! Havia chegado o jabuti, tocador de gaita, e todos estavam festejando. O avestruz não resistiu e acabou ficando por lá. A festa se animou tanto que o avestruz só saiu de lá no dia seguinte, quando o sol estava alto.

Foi aí que se lembrou da mulher. Correu até a farmácia, comprou o remédio e voltou o mais depressa que pôde. Mas, quando chegou em casa, a sua mulher tinha morrido. Louco de remorso, o avestruz pôs-se sobre os ovos para terminar de chocá-los. Algum tempo depois, nasceram os filhotes, mas piando muito tristes, porque não tinham mãe.

E foi a partir daí, para que nunca mais se esquecessem dos deveres da família – que os avestruzes passaram a chocar os ovos, isto é, o macho é quem choca, e não a fêmea. É a mesma coisa que se num galinheiro o galo fosse para o choco e a galinha ficasse só cantando e ciscando o dia inteiro.

³ Fonte: Tradição Oral do Brasil

Por que a girafa não tem voz⁴

Houve uma época em que os animais da floresta falavam todos a mesma língua. A girafa gostava de se vangloriar dizendo que era a rainha dos bichos porque tinha o pescoço mais comprido. Como era mais alta que os outros, costumava ficar olhando para o céu e conversando sozinha consigo mesma.

Os outros bichos logo começaram a se irritar com essa mania da girafa, especialmente na hora em que tentavam tirar uma soneca depois do almoço.

Irritados, começaram a traçar um plano para silenciar a chata da girafa. O leopardo foi até a grandalhona e provocou:

_ Você fica aí contando vantagem o dia inteiro, mas tem coisas que não sabe fazer.

A girafa, que era muito atrevida, gritou:

_ O que por exemplo?

_ Correr mais rápido do que eu _ desafiou o veloz leopardo.

_ Aceito _ respondeu a girafa, sem pestanejar. _ Me avise a hora e o lugar.

O dia da corrida foi logo marcado. O leopardo, certo que ia vencer, convocou todos os animais da floresta para vê-lo derrotar a grandona. Os bichos correram para se divertir e torcer pela derrota da girafa.

Assim que foi dada a largada, os dois saíram em disparada lado a lado, mas logo o leopardo tomou a dianteira. Corria tanto que acabou chocando-se contra uma árvore e teve de abandonar a competição.

A bicharada ficou muito decepcionada ao ver a girafa se tornar campeã. Depois da vitória, ela ficou mais faladora ainda.

Ninguém tinha mais paciência para aguentar aquele blá-blá-blá infundável. Até que o macaco, esperto como ele só, resolveu dar um jeito na questão.

⁴ Fonte: Histórias Africanas para Contar e Recontar - Rogério Andrade Barbosa

Ele tirou um bocado de resina de uma árvore e misturou-a na ramaria que a girafa costumava mastigar. Depois, escondeu-se, esperando a falastrona chegar para comer.

As folhas prenderam-se no comprido pescoço da girafa e, por mais que ela tossisse e cuspiasse, ficaram grudadas em sua garganta, calando-a para sempre. Daí em diante seus descendentes passaram a nascer sem voz.

2.2 A EXPERIÊNCIA DA PRODUÇÃO DOS CONTOS ETIOLÓGICOS COM AS CRIANÇAS

Após as leituras conversamos com as crianças, perguntamos se elas tinham gostado dos contos, algumas responderam: *sim, e o conto do avestruz foi o melhor*. Percebemos o interesse durante a contação do conto Por que o avestruz macho choca os ovos? pois no meio da leitura uma delas suspeitou que o avestruz iria esquecer a mulher doente em casa e exclamou: - *“Eita! Ele vai esquecer de comprar o remédio”...* E juntamente com elas caímos na gargalhada.

Também perguntamos se concordaram ou não com o que foi contado, elas prontamente responderam: *não concordamos com a atitude do avestruz*. Então, as questionamos o porquê delas não concordarem. Replicaram: *o avestruz foi irresponsável ao entrar no bar ao invés de ir comprar o remédio pra sua mulher*.

. Para Abravovich (1997) essa hora de conversar com as crianças é de fundamental importância, pois é nesse momento que elas formam sua própria opinião.

Com o objetivo de formar crianças leitoras assíduas, capazes de opinar criticamente propusemos as atividades que são práticas de formação social e intelectual dos leitores. Sabemos que por meio da leitura desenvolve-se a capacidade crítica, questionamentos são respondidos, acendem-se possibilidades de encontrar novas ideias, estimula-se o imaginário e a linguagem se aperfeiçoa cada vez mais.

No cerne dessa questão, Abramovich assegura:

Ao ler uma história à criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... (1997, p. 143).

Depois de conhecer um pouco mais sobre o gênero, e da leitura dos contos selecionados, visando à potencialidade das crianças, o prazer e o gosto de aprender por meio da leitura de contos etiológicos cujas evidências de sua funcionalidade foram expressas através do envolvimento das crianças durante a contação das histórias, propusemos que as mesmas produzissem seus próprios contos, tendo como referências os contos etiológicos a elas apresentados. Levamos as crianças para sala com cadeiras escolares, entregamos folhas, lápis e canetas. Em seguida explicamos qual atividade elas deveriam desenvolver. Sugerimos alguns títulos como, por exemplo: “Por que a cobra rasteja”? “Por que a girafa tem o pescoço grande”? “Por que o rabo do macaco é comprido”? Estas perguntas de partida serviram como parâmetros para elaboração dos seus próprios textos uma vez que a escrita nem sempre se resume a curiosidade de desenvolver algo, deve, portanto ser sistematizada e seguir com rigor alguns procedimentos. Desse modo, na pretensão de buscar ou estabelecer uma linha de raciocínio construímos os problemas como primeiro passo, de modo adequado a curiosidade inicial das crianças. E, em seguida deixamos com que elas ficassem à vontade para criar seus próprios títulos. Assim, elas teriam mais autonomia nas suas criações.

2.3 INCENTIVO À LEITURA POR MEIO DA SOCIALIZAÇÃO DOS CONTOS

A partir da compreensão de que o contato com os livros ou textos contribui com a socialização das crianças, processo necessário para o desenvolvimento das mesmas, foi o que nos levou a abertura de um espaço em que elas pudessem socializar os próprios contos, visto que:

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. (BRASIL, 1998, p.21).

Desse modo, sabemos que o projeto Senta que lá vem a história é uma das fontes de socialização, nele a criança convive com outras crianças desenvolvendo relações de afetividade, satisfazendo a sua vontade e assimilando cultura de outrem.

Não existe nenhuma dúvida de que aprender a ler é essencial para integração da criança no contexto social e cultural, fazendo com que ela se torne crítico com a realidade que a circunda, na qual a criança costuma circunscrever por meio de, o porquê de tudo, pergunta simples, porém, profundamente instigante. O objetivo foi desenvolver o gosto pela leitura antes mesmo de aprender a escrever ou ler bem.

Conforme frisamos, o intuito foi de aguçar nelas o gosto pela leitura, despertando, assim, o conhecimento tanto literário quanto o conhecimento popular, que são fundamentais para a formação pessoal, de modo a torná-las indivíduos reflexivos, críticos, em um contexto social e histórico.

Dessa forma, pudemos verificar que o conto etiológico é um facilitador no processo de aprendizagem, uma vez que contribuiu com a escrita e a criatividade das crianças do projeto de contação de história. Por ter origem na esfera popular, e imergir no mundo da imaginação, envolve e entretém a criança, pelo fato de ser um texto curto, o qual expõe uma única trama bem articulada, como todo texto literário, leva os leitores à reflexão, misturando a realidade com a fantasia.

Com efeito, pedimos para as crianças socializarem seus contos, uma vez que consideramos importante compartilhar a evolução de seus pensamentos e suas produções textuais, visando à construção do conhecimento, a criatividade e a vontade participativa de todos.

Segue alguns contos criados por algumas crianças, escolhemos cinco para fazer a análise, pois entendemos que é necessário para nossa investigação. Os nomes citados são fictícios para protegermos a identidade das crianças.

Conto 1 de Rebeca

09/06/18

Por ~~que~~ que o Tubarão tem dentes afiados.

Era uma vez um Tubarão chamado Luca, ele só tinha três aninhos. Daí os Anos foram-se passando e ele foi crescendo.. daí todos começaram a chamarem ele de dentes ~~curtos~~ curtos. No outro dia ele foi ao médico Zezinho. Mas quando Luca chegou ao consultório do doutor Zezinho Luca perguntou ao doutor Zezinho quase surtando (doutor por favor me ajude doutor por favor) doutor Zezinho disse (OK vou te ajudar tome esse Remédio) ele tomou. No outro dia ele teve que tomar o Remédio 2 vezes ao dia. Daí todos pararam de chamar ele de dentes curtos por que ele ficou com os dentes afiados.

A partir da leitura do texto I, podemos constatar que a criança Rebeca compreendeu, em conformidade com o que foi proposto, as características integrantes para a construção do gênero conto etiológico.

Segundo Calil e Lira (2017, p. 131), explicam que no processo de criação do conto etiológico “a necessidade de dar voz ao personagem requer antes imaginar a existência deste. Tal articulação instaura dispositivos ligados à imaginação e à criatividade, bem como ao universo linguístico e cultural que os alunos dispõem.” Nesse sentido, percebe-se que no texto de Rebeca faz um recorte espacial e temporal que dialoga com o construto social que ela vivencia, ora de forma simbólica quando atribui a idade de 3 anos ao tubarão tal como se ele fosse a representação de uma criança, de um bebê, ora de forma criativa, quando representa a imagem de um “bebê tubarão”, nomeando-o de Juca.

Podemos observar que ela conseguiu preservar a ideia central e fazer a utilização dos vários recursos do conto, como: iniciar a introdução especificando o tempo “era uma vez”; dar continuidade a sua narrativa com alguns personagens, sendo um deles o tubarão e o outro doutor Zezinho. Assim, sua narrativa explica o porquê do tubarão ter os dentes afiados.

Goés (2005) corrobora dizendo que o conto etiológico procura ensinar o porquê, a causa e a origem de algo, e o narrador conclui com uma justificativa ou razão de ser. Portanto, percebemos que o texto de Rebeca corresponde ao que se espera da tipologia do gênero etiológico.

Conto 2 de Mariah

Por que o unicornis tem chifre

HA muito tempo atrás um ~~homem~~ ~~foi~~ ~~com~~ um pony que estava galopando, ele estava indo para o castelo do rei, sem ele perceber estava do lado da casa na floresta, quando ele ficou com um galo na cabeça, horrorizado ele foi ao médico, ele disse:

- Meu galo se chama unicornis
- Mas doutor isso tem cura
- Não



Mas ele não desistiu, foi pro laboratório do doutor Igor
Doutor Igor não tra conselhos.

- Doutor Igor me ensine uma magia para eu "~~deixar~~"
tirar esse "chifre".

Ele lançou a magia e o galo virou um chifre com magia.
ele amou e lançou um pale e disse

- Já os ponys que nascerem, vão virar unicornis com lindos chifres
mágicos.

Fim

Na produção da criança Mariah, percebemos que ela compreendeu a proposta da construção do conto, pois faz uso das características próprias do gênero etiológico, como: iniciar a introdução especificando o tempo, tal como pode ser percebido pelo uso da expressão “há muito tempo atrás”, observada nas primeiras linhas do texto. Isso demonstra uma tomada de consciência de Mariah em relação à estrutura do conto etiológico que esta produziu.

Ela utiliza personagens, tanto animal, quanto humano, tenta explicar o porquê dos unicórnios terem chifres.

A construção dialógica que perpassa a criação e o desenvolvimento do conto levou Mariah a revelar experiências reais e/ou imaginárias no seu texto. Ela parece simular uma situação que se confunde com momentos de uma possível experiência de ida ao médico, haja vista que ela reproduz no texto informações bastante precisa acerca do momento, no entanto, voltada para o pônei que protagoniza a história, tal como se pode observar no trecho que segue:

*“horrorizado ele foi ao médico,
ele disse: - esse galo se chama unicórnio
- mas, doutor, isso tem cura?
- não.*

Mas ele não desistiu, foi para o laboratório do doutor Igor. Doutor Igor não era confiável.”

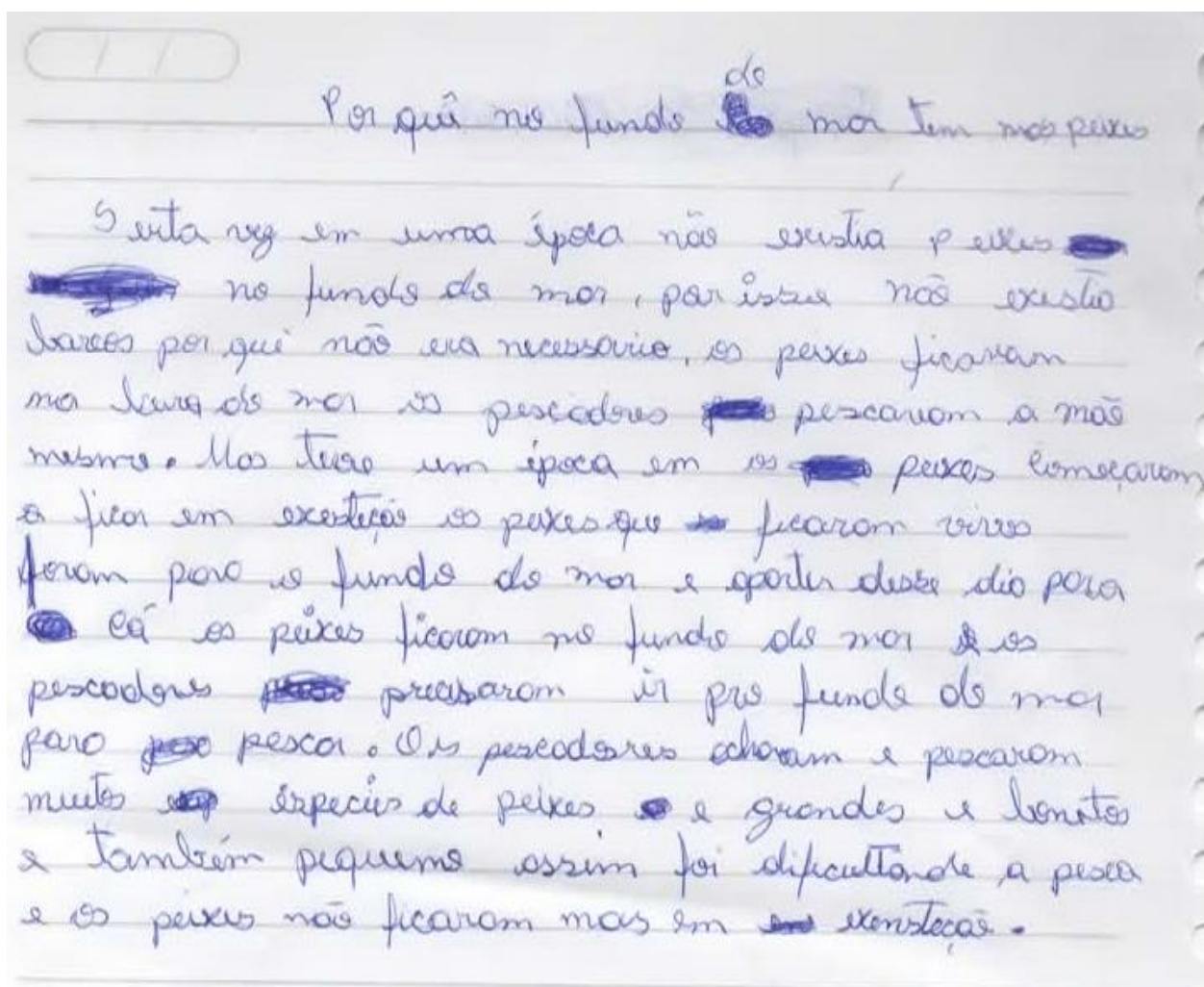
A descrição desses fatos consegue aproximar a narrativa de acontecimentos da vida prática de Mariah o que assevera o caráter dialógico que perpassa o conto etiológico. Acerca dessa experiência que perpassa a produção do conto e as experiências e vivências das crianças produtoras desse gênero textual, Calil e Lima explicam:

Os alunos inventam seus textos a partir do material linguageiro de que dispõem, advindo das práticas e dos discursos aos quais estão expostos. A configuração do produto textual (manuscrito escolar) é altamente dependente da imersão do escrevente no universo cultural e letrado. É essa imersão que irá ativar “a multiplicidade de elementos linguísticos e discursivos a serem rearranjados e combinados no manuscrito, durante seu processo escritural”. (CALIL; LIRA, 2013, p. 125)

A criação deste conto apresenta no início uma situação anterior, que é diferente da realidade, para concluir sobre uma situação atual. Podemos observar que o corpo da

história permite a passagem de um estado para outro graças a uma explicação característica própria dos contos etiológicos.

Conto 3 de Júlia



Nesta produção, a criança Júlia, também, faz uso dos recursos do conto etiológico, ela utiliza algumas referências textuais mantendo a característica própria do gênero. Observamos a marcação temporal na introdução, “certa vez”, que sinaliza a anterioridade versus o estado atual. Ela recorre a personagens na história como homens e peixes, cria uma narrativa que justifica o tipo de interação que é estabelecida entre eles, isto é, a pesca e a extinção dos peixes. Também se coloca na história uma situação-

problema a qual os homens precisam se deslocar com barcos até o fundo do mar para voltar a pescar. Goés (2005) corrobora dizendo que o conto etiológico procura ensinar o porquê, a causa e a origem de algo, e o narrador conclui com uma justificativa ou razão de ser.

No texto analisado, a aluna consegue fazer construir exatamente essa dinâmica, dá explicações para justificar determinado fato ou acontecimento: ela explica qual o problema deste conto; a pesca e a extinção dos peixes faz com que os homens encontrem uma solução para sanar as dificuldades da pesca. Por fim, ela conclui sanando o problema e relata como a história acaba, isto é, o resultado de todo esse processo. O texto de Júlia apresenta, portanto, características próprias do conto etiológico, visto que segue os parâmetros e as características que faz correspondência com o gênero etiológico.

Conto 4 de Olívia

Por que os mês tem esses nomes.

~~De~~ Dizer uma lenda que o mês de janeiro se chama assim porque esse mês era mês das vendas de farnos.

Fevereiro: Dizer um Homem que o mês de Fevereiro era época que os Fevereiro encontravam mais ferro que qualquer outro mês.

Março: Dizer um Pescador que o mês de março ~~de maio~~ é o mês mais locrativo em relação aos ~~frutos~~ frutos marinhos.

Abril: Dizer uma mulher que esse mês é o mês em que a mais casas de Alugue du que de costume.

maio: Dizer uma ~~feiteira~~ feiteira que é o mês em que a mais coisas mas para fazer.

Junho: Dizer os religiosos que é o ~~mês~~ das festas da comemoração dos Santos do mês, e daí anos a frente as festas começaram a se chamar festas ~~junino~~ juninas.

Julho: Dizer um Homem que julho é o mês em que ~~as pessoas~~ as pessoas ficam ~~orgulhosos~~ mais orgulhosos.

Agosto = Dizer um ~~coz~~ cozinheiro
 que o mês de agosto é o mês em
 que dar mais gosto de cozinhar.

~~Um~~ Setembro: Dizer uma
 mulher em que o mês de setembro
 é o mês ~~em que se~~ ~~que se~~ ~~em que~~
 os setes mares se juntam.

Outubro: Dizer um Homem que
 o mês de outubro é o mês que outros
 Países vem visitar o País.

Novembro: Dizer uma Criança
 que o mês que nove bruxas
 se reúnem para fazer feitiços.

Dezembro: Dizer um Menino
 que esse mês é o em que Dez
 Perceas se ~~se~~ juntam ~~para~~ para
 enrocas os espíritos ~~de~~ do mal.

A partir da análise deste texto, podemos verificar que a criança Olívia entendeu em parte as características integrantes para a construção do gênero conto etiológico.

Ela explica de maneira fantasiosa o porquê dos meses terem os seus nomes, porém não cria uma narrativa com marcação temporal, não apresenta uma situação anterior para concluir com a situação atual. Visto que, as narrativas apresentam um discurso o qual integra uma série de acontecimentos.

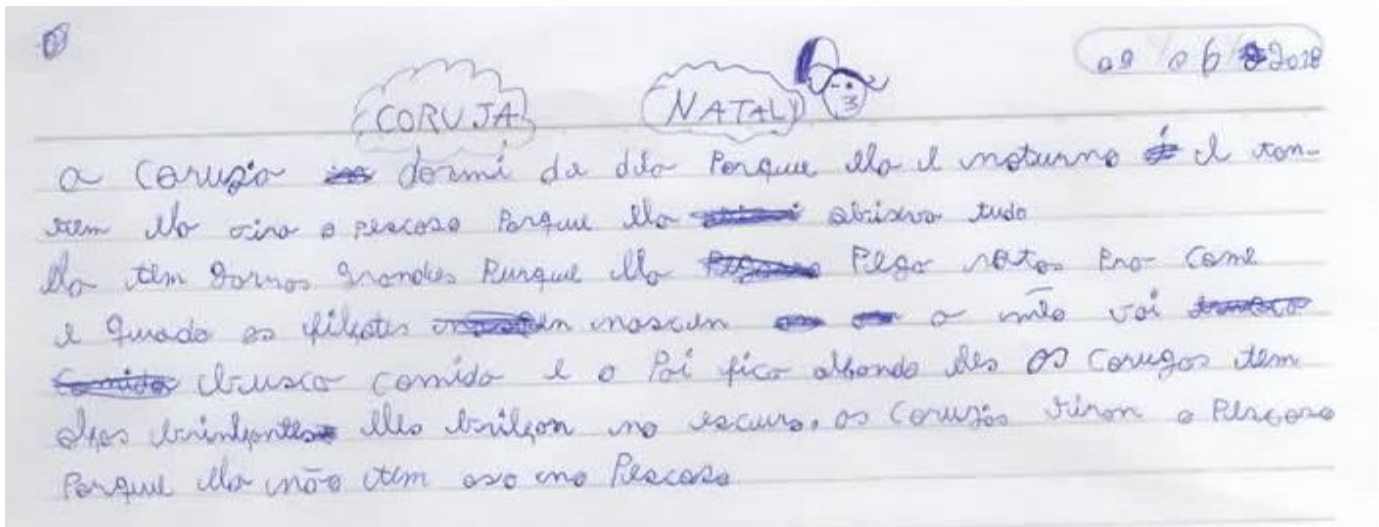
Neste sentido Vieira ressalta que:

Para que tenhamos um texto narrativo coerente é preciso que os fatos denotados pelas proposições narrativas estejam ligados por uma relação cronológica e lógica. Finalmente, para que haja narrativa, é preciso, também, que haja uma transformação entre uma situação ou estado inicial e a situação ou o estado final que funcione como uma conclusão do texto narrativo (VIEIRA, 2001, p. 601).

Desse modo, Vieira afirma que a narrativa é um tipo de texto composto por uma sequência de fatos, sejam eles reais ou imaginários, nos quais as personagens atuam em um determinado espaço e no decorrer do tempo.

Na construção do texto de Olívia, percebemos a ausência de elementos que compõem a narrativa como: tempo, espaço e conflito, pois em seu texto a criança não constrói uma sequência lógica de acontecimentos com causas e consequências, todavia ela cria um texto que flui no imaginário do leitor, composto por tramas e a elaboração de personagens mais ou menos complexas.

Conto 5 de Sabrina



Nesta produção percebemos que a criança Sabrina tentou explicar o porquê de algo de maneira científica. Todavia, Amorim ressalta que: “Os questionamentos a serem respondidos no enredo destes contos referem-se sempre a fatos verificáveis e estados ou situações reais do mundo em que vivemos, porém, as explicações fornecidas advém, sempre do campo da invenção, com caráter imaginário e essencialmente relacionado a ficção.” (AMORIM, 2013, P.29)

Assim sendo, verificamos que a mesma não utilizou a tipologia do conto etiológico, não criou uma narrativa fantasiosa, sua preocupação foi explicar segundo seus próprios conhecimentos o porquê a coruja tem certos hábitos.

Percebemos ainda que Sabrina nomeou o texto com o título: “coruja”. Segundo Bargeton (2005-2006), os títulos dos contos etiológicos são elaborados a partir dos indicadores interrogativos “como” ou “por que”, podendo ou não ser uma interrogação efetiva. Outro fato relevante, é que esta criança não faz uso da marcação temporal da narrativa, que em geral, refere-se a um tempo remoto, não definido, no curso no qual é mostrado uma situação-problema, um conflito, que deverá ser desdobrada em uma realidade final.

Embora os contos de algumas crianças não apresentarem o formato específico que se espera da construção do gênero conto etiológico, os resultados mostram que elas foram capazes de produzir de forma criativa seus próprios textos, tendo como base a leitura das histórias etiológicas as quais contribuíram com o desenvolvimento da criatividade e da sensibilidade das crianças, tornando-as produtoras de texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste presente trabalho nos possibilitou a compreensão de como o conto etiológico pode contribuir para o incentivo e o gosto pela leitura, bem como a produção textual das crianças integrantes do Projeto de extensão. Pois este tipo de conto desperta a imaginação do indivíduo de forma a estimular e fazer com que ele venha ser um agente questionador do mundo à sua volta.

Averiguamos que o contato com este tipo de texto aguçou nelas a curiosidade, a criatividade na escrita, a desenvoltura para a leitura, o conhecimento literário e popular, bem como o objetivo maior foi alcançado: o gosto pela leitura e conseqüentemente a produção textual, na qual puderam expressar seus argumentos, utilizando o recurso dos personagens e de uma situação fictícia como apoio.

Sendo assim, pudemos constatar que o conto etiológico é um facilitador no processo de aprendizagem, ele por sua vez contribuiu com a escrita e a criatividade dos leitores integrantes do projeto de contação de história. E nessa perspectiva acredita-se que os objetivos propostos nessa atividade foram atingidos, pois verificou-se que é possível utilizar o conto etiológico como forma de estimular as crianças para o mundo mágico da leitura.

Através das produções textuais entendemos que, o conto etiológico revelou-se um instrumento importante no incentivo à leitura, uma vez que proporcionou às crianças prazer, entretenimento e desenvoltura na leitura.

A integração delas no projeto de incentivo à leitura tem corroborado com a construção da sua autoestima, elas aprendem e estão pondo em prática o respeito pelas opiniões alheias, a aceitação das diferenças, a troca de experiências no que se refere ao ato de ler, ouvir, expor suas opiniões e a interação social.

A leitura para a infância é um precioso auxiliar do educador no desenvolvimento global da criança, com isso, concordamos que, nós, futuras docentes da Língua Portuguesa/Literatura, somos também as multiplicadoras do conhecimento, cabe a nós, quanto discentes, incentivar a relação da criança com o livro, pois esta aproximação provavelmente se revelará essencial na formação literária desses pequenos pré-leitores,

a leitura abre as portas da imaginação, atiça a curiosidade e permite a reflexão crítica de suas ações.

Neste sentido, dando tamanha importância ao tema, consideramos de fundamental importância os estudos na área de ensino no que se refere ao incentivo à leitura, pois estes permitirão outros olhares sobre os fazeres dos professores, sobretudo os de português, como também maiores possibilidades de se estabelecer uma relação transformadora, capaz de incentivar a leitura desde a escola até nos espaços extraescolares.

A mediação da leitura é um processo importante na formação da criança leitora, e o conto etiológico, em sua origem, teve sua transmissão oral por meio das discentes que também proporcionaram o encontro entre leitura/leitor, desta forma concluímos o nosso trabalho de investigação, conscientes da importância dos contos etiológicos e de sua contribuição para o incentivo à leitura e produção textual no desenvolvimento social da criança.

REFERÊNCIAS

- ABNT – **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. NBR 14724: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- ANTUNES, I. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- AMORIM, K. L. S. **O discurso reportado em manuscritos escolares brasileiros e franceses: um estudo contrastivo a partir do gênero “contos etiológicos”**. Maceió-AL, 2013. 108 f.: il. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação, da Universidade Federal de Alagoas, para obtenção do título de Mestre em educação.
- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BARGETON, C. Project “Ecrire um Conte des Origines: um projet pour tous les cycles”. 2005-2006. Disponível em: https://www2.espe.u-bourgogne.fr/doc/memoire/mem2006/06_0401237C. Acesso em: 25 mar. 2019.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALINGENE, B. **Alguns contos africanos** - Lavras: Ed. do autor, 2016.
- BECKER, S. H. **Método de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BORBA, V. C. M; GUARESI, R. **Leitura: processos, estratégias e relações**. Maceió: EDUFAL, 2007.
- BRANDÃO, H; MICHELETTI, G. **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. Aprender e ensinar com textos de alunos / coord. geral Lígia Chiappini. – 6. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.
- CALIL, E. LIRA, L. Gênese da Fala do Personagem em Contos Etiológicos Inventados por Dois Alunos Recentemente Alfabetizados: o jogo entre o oral e o escrito. *SIGNUM: Estud. Ling., Londrina*, n. 20/2, p. 122-150, ago. 2017
Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/27553/21334>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: ed. digital: Global, 2012.

- CASCUDO, L. C. **Contos Tradicionais do Brasil**. São Paulo: ed. digital: Global, 2014.
- FIGUEREDO, N. M. A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. – 3 ed. – São Caetano do Sul: Yendis, 2008.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 5 ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- GIRARDELLO, G. **Imaginação: arte e ciência na infância** . *Pro-Posições* [online]. 2011, vol.22, n.2, pp.72-92. ISSN 1980-6248. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a07.pdf>. Acesso em: 1 maio 2019.
- GÓES, M. L. P. S. **Fábula brasileira ou fábula saborosa**: sábia, divertida, prudente, criativa. São Paulo: Paulinas, 2005.
- HABERMAS, J. **Teoria de la Acción Comunicativa**. Trad. Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1988.
- KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre as práticas social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- KLEIMAN, A. **Texto e Leitor**: Aspectos Cognitivos da Leitura. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- KOCHE, V. S; BOFF, O. M. B; MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- KOCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LOPES, T. N. **Leitura, Escrita e Letramento**: um estudo de caso na pré-escola em Rondonópolis-MT /Cuiabá: UFMT/IE, 2008. 170 p.: il. Color. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, 1984.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: Dionísio, Â. et all. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- OLIVEIRA, M. B. ZOZZOLI. R. M. Diniz. **Leitura, escrita e ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008.

PEREIRA, M. M. Letramento(s): uma introdução ao multiletramento. p. 147-156. **Revista caminhos em linguística aplicada**, Volume 11, Número 2, 2014.

PORESCH, J. M; PORTO, A. M. **Como as categorias se relacionam com a compreensão em leitura**. Veritas. Porto Alegre. 1989.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. Metodologia do trabalho científico: **métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SCHWARTZ, S. **Reaprendendo a aprender**: o desafio da alfabetização de adultos. Dissertação de mestrado, Porto Alegre: PUCRS: 2001.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica 1999.

VIEIRA, A. G. Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. **Psicol Reflexo. Crit.** Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 599-608, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 1 maio 2019.

VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler**: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

YIN. R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.